

**PERSPECTIVAS DE ENFERMEIROS SOBRE OS
ESPAÇOS DE LAZER E RECREAÇÃO HOSPITALAR**
*NURSES' PERSPECTIVES ON HOSPITAL LEISURE AND
RECREATION SPACES*

*PERSPECTIVAS DE ENFERMERÍA SOBRE LOS ESPACIOS DE
OCIO Y RECREACIÓN EN EL HOSPITAL*

Vitor Pachelle Lima Abreu

Professor da Faculdade Anhanguera de Imperatriz. Mestre em Ensino em Ciências e Saúde. Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: vitorpachelle@uft.edu.br | Orcid.org/ 0000-0001-9065-3272

Ruhena Kelber Abrão

Professor do Programa de Pós-graduação em Educação Física (PROEF/UFT). Doutor em Educação em Ciências e Saúde. Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: kelberabrao@uft.edu.br | Orcid.org/ 0000-0002-5280-6263.

Artigo recebido em 25/03/2024 – aprovado em 11/11/2024 – publicado em 16/12/2024

Como citar este artigo:

Vitor Pachelle Lima Abreu, & Ruhena Kelber Abrão. (2024). PERSPECTIVAS DE ENFERMEIROS SOBRE OS ESPAÇOS DE LAZER E RECREAÇÃO HOSPITALAR. *DESAFIOS - Revista Interdisciplinar Da Universidade Federal Do Tocantins*, 11(6). https://doi.org/10.20873/2024_DEZ_20874

RESUMO

O processo de adoecimento de uma criança afeta toda a família, desencadeando momentos de estresse e gerando dificuldades e desespero. Nesse cenário, o apoio da equipe de saúde e utilização de estratégias que busquem amenizar o sofrimento infantil são essenciais para a efetivação do cuidado. A utilização do lúdico é uma das formas que os profissionais de saúde podem utilizar para amenizar o sofrimento e proporcionar uma melhora do quadro clínico do paciente pediátrico. No presente estudo buscamos compreender a percepção dos profissionais sobre importância dos espaços de recreação e lazer hospitalar no contexto do processo de humanização e recuperação dos pacientes. Trata-se de um estudo exploratório, descritivo e de abordagem qualitativa. Participaram da pesquisa enfermeiros e enfermeiras que trabalham na unidade hospitalar e desenvolvem atividades assistenciais. A coleta de dados se deu por meio de uma entrevista por ligação telefônica, com um questionário semiestruturado. Os dados foram analisados a partir da Análise do Conteúdo no que tange a pré-análise, exploração do material e o tratamento dos resultados. Emergiram do estudo duas categorias, sendo a primeira intitulada “Recreação e lazer hospitalar: percepção dos profissionais” e a segunda “Ferramentas para o desenvolvimento lúdico nos hospitais”. De acordo com as falas dos profissionais, os mesmos compreendem a importância dos espaços de recreação infantil como estratégias para melhorar o ambiente hospitalar e que esse tipo de abordagem pode ser acompanhado pelo uso do brinquedo terapêutico que também é visto como uma forma de envolver essa criança diretamente com o seu tratamento. Por fim evidenciamos que o lúdico e o ato de brincar são determinantes para a recuperação do paciente pediátrico em relação ao seu estado físico, mental e emocional.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem. Lazer e recreação hospitalar. Humanização.

ABSTRACT:

A child's illness affects the entire family, triggering moments of stress and generating difficulties and despair. In this scenario, the support of the health team and the use of strategies that seek to alleviate the child's suffering are essential for the effective provision of care. The use of play is one of the ways that health professionals can use to alleviate suffering and provide an improvement in the clinical condition of pediatric patients. In this study, we seek to understand the perception of professionals about the importance of hospital recreation and leisure spaces in the context of the process of humanization and recovery of patients. This is an exploratory, descriptive study with a qualitative approach. Nurses who work in the hospital unit and develop care activities participated in the research. Data collection was carried out through a telephone interview, with a semi-structured questionnaire. The data were analyzed based on Content Analysis with regard to pre-analysis, exploration of the material and treatment of the results. Two categories emerged from the study, the first entitled "Hospital recreation and leisure: professionals' perception" and the second "Tools for playful development in hospitals". According to the professionals' statements, they understand the importance of children's recreation spaces as strategies to improve the hospital environment and that this type of approach can be accompanied by the use of therapeutic toys, which are also seen as a way to directly involve these children in their treatment. Finally, we showed that playfulness

and the act of playing are decisive for the recovery of pediatric patients in relation to their physical, mental and emotional state.

KEYWORDS: Nursing. Hospital leisure and recreation. Humanization.

RESUMEN

El proceso de enfermedad de un niño afecta a toda la familia, desencadenando momentos de estrés y generando dificultades y desesperación. En este escenario, el apoyo del equipo de salud y el uso de estrategias que busquen aliviar el sufrimiento de los niños son fundamentales para una atención efectiva. El uso de El juego es una de las formas que los profesionales de la salud pueden utilizar para aliviar el sufrimiento y aportar una mejora en el estado clínico de los pacientes pediátricos. En el presente estudio, buscamos comprender la percepción de los profesionales sobre la importancia de los espacios de recreación y ocio hospitalarios en el contexto del proceso de humanización y recuperación de los pacientes. se trata de estudio exploratorio, descriptivo y con enfoque cualitativo. Participaron de la investigación enfermeros que actúan en la unidad hospitalaria y realizan actividades de cuidado. La recolección de datos se realizó mediante entrevista telefónica, con cuestionario semiestructurado. Los datos se analizaron mediante Análisis de Contenido con respecto al preanálisis, exploración del material y tratamiento de resultados. Del estudio surgieron dos categorías, la primera titulada "Recreación y ocio hospitalario: percepción de los profesionales" y la segunda "Herramientas para el desarrollo lúdico en los hospitales". Según declaraciones de los profesionales, entienden la importancia de los espacios de recreación infantil como estrategias para mejorar la ambiente hospitalario y que este tipo de abordaje puede ir acompañado del uso de juguetes terapéuticos, lo que también se ve como una forma de involucrar directamente a este niño en su tratamiento. Finalmente, demostramos que el entretenimiento y el acto de jugar son cruciales para la recuperación de los pacientes pediátricos en relación a su estado físico, mental y emocional.

Palabras clave: Enfermería. Ocio y recreación hospitalaria. Humanización.

INTRODUÇÃO

Durante o processo de crescimento, no período da infância, o indivíduo passa por estágios de desenvolvimento. As fases cognitiva, biológica e psicossocial passam por um caminho contínuo e gradativo, pois a evolução da criança depende das condições do ambiente que estão inseridas, o qual podem contribuir, ou não, para o seu crescimento enquanto indivíduo (PINTO; FERNANDES, 2013). Os indivíduos ao serem inseridos em um local o qual não estão acostumados, bem como terem suas rotinas interrompidas de forma abrupta podem ser colocados em circunstâncias que não estão acostumados a vivenciá-las como: choro, medo, angústia, dor, convivência com indivíduos desconhecidos, distanciamento do seu local habitual e família o qual estão acostumados, por exemplo, em casos de hospitalizações (FONSECA; CALEGARI, 2013; DO NASCIMENTO DOURADO et al, 2022).

Tais circunstâncias podem ser amenizadas por meio da inserção do lúdico nos ambientes hospitalares, sendo suavizadas transversalmente pelo envolvimento da criança com o processo do lúdico (BRITO; PERINOTTO, 2014; DA SILVA et al 2023). Deste modo, o brincar, a brincadeira e os brinquedos favorecem diretamente nessa ação devido à representatividade durante a expressão de sentimentos e emoções que as crianças passam a desenvolver um reequilíbrio emocional, se desligando um pouco do ambiente conhecido por meio do medo e reconhecendo-o novamente das ações dos profissionais de saúde, que diretamente fortalecerá o vínculo que anteriormente foi criado pelo medo (PAULA; FOLTRAN, 2007). Atrelado a isso, Moraes, (2013, p.9) traz seu posicionamento sobre a relevância do 78 lúdico nos ambientes hospitalares o qual revela que “a brincadeira é uma ferramenta de auxílio do entendimento da hospitalização pela criança. Esta que, ao brincar, expressa seus sentimentos interpretando-os e ressignificando de acordo com o desenrolar da brincadeira”.

Por sua vez, Silvério e Rubio (2012) ressaltam que a brinquedoteca precisa ser reconhecida como um espaço multifacetado dando possibilidade da criança se reencontrar no seu mundo imaginário, possuindo como probabilidade a uma nova aprendizagem, ao compartilhamento de histórias, o qual suavizará suas emoções e tristezas que encontrou no novo ambiente o qual foi inserido. A partir desse momento, haverá a possibilidade da reaproximação e ganho da confiança da criança para o desenvolvimento da assistência hospitalar, favorecendo o percurso do tratamento clínico indicado a sua patologia (SILVA, ABRÃO, 2021).

Nesse pensamento, a equipe de profissionais de saúde precisa reconhecer os benefícios das práticas desenvolvidas nos espaços de recreação hospitalar, bem como possuir como aliado a compreensão da terapêutica dos brinquedos objetivando a potencialização dos benefícios destes ao cuidado da criança internada (JANSEN, SANTOS, FAVERO, 2010; DANTAS et al., 2016). De fato, percebe-se a falta de conhecimento e do reconhecimento dos espaços de recreação hospitalar, brinquedotecas, do lúdico e até mesmo do brinquedo como importantes ferramentas benéficas para o processo de recuperação da criança por parte dos profissionais de saúde que desenvolvem atividades assistenciais (SILVA, 2021). Portanto torna-se necessário compreender a percepção dos

profissionais sobre importância dos espaços de recreação hospitalar no contexto do processo de humanização e recuperação dos pacientes.

METODOLOGIA

Desenho, local e período do estudo

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, exploratório, sendo o primeiro caracterizado como instrumento com diversos significados, motivações, relações e atitudes que correspondem a um espaço de trocas entre pessoas construídas por 79 meio de suas condutas espontaneamente e inter-relação entre os processos e fenômenos (MINAYO, 2001). Já o segundo, promove a exposição das características de uma população ou fenômeno, provocando a descrição dos problemas e facilitando a sua análise (MINAYO, 2007). Por fim, o terceiro, é formado pela formulação e construção de problemas no qual precisam ser analisados minuciosamente, fortalecendo a relação entre pesquisador, ambiente, fato e fenômeno (MARCONI, LAKATOS, 2010; SCHWARTZ et al, 2020).

Os participantes das pesquisas foram profissionais de enfermagem de nível superior que desenvolvem atividades assistências no Hospital Municipal Infantil de Imperatriz (HMI) localizado no Sudoeste no Estado do Maranhão, a 639km da capital do estado, São Luis. OHMI é referência em pediatria para 43 cidades circunvizinhas e pactuadas junto a Regional de Imperatriz. A unidade hospitalar é compreendida com 70 leitos clínicos, 10 leitos de Unidade de Terapia Intensiva Infantil (UTI). A amostra foi compreendida por meio da disponibilidade, acessibilidade e participação voluntária durante o período dos meses de Janeiro e Fevereiro de 2021.

Amostra e critérios de elegibilidade

A gestão hospitalar identificou os profissionais de enfermagem em nível superior que estão lotados na unidade hospitalar e desenvolvem atividades assistenciais, maiores de 18 anos e que estão diretamente ligadas aos pacientes que fazem uso da brinquedoteca como ferramenta lúdica e aceitaram participar do estudo. Vale ressaltar que foram excluídos todos os participantes que não tiveram interesse em participar da pesquisa, bem como os que estavam afastados de suas atividades durante o período de coleta de dados.

Coleta e tratamento dos dados

A coleta de dados foi realizada por meio de um contato prévio com os profissionais a partir de um direcionamento por parte da gestão hospitalar, 80 proporcionando assim um agendamento da entrevista por meio de ligação telefônica para aplicação dos questionários semiestruturados, os quais foram respondidos de acordo com os objetivos proposto pelo estudo. Considerando o enfrentamento da pandemia, bem como as diretrizes e protocolos de prevenção,

realizamos a coleta de dados de forma programada, por meio de contato telefônico, agendando data e horário para a realização da coleta de dados. Vale ressaltar que foram realizadas gravações de áudios e findada as pesquisas, todas as gravações foram transcritas, organizadas e categorizadas. As informações coletadas foram analisadas com base no que preconiza Bardin (2011) por meio da análise do conteúdo em pré-análise, exploração do Material e tratamento dos resultados obtidos pela pesquisa. Vale ressaltar que tal técnica possibilitará compreender a frequência das características dos conteúdos que compõem as mensagens, bem como verificar as hipóteses e uma análise minuciosa dos conteúdos evidenciados. A primeira caracterizada pela organização e construção do esquema de trabalho observando a construção dos objetivos, a segunda pela codificação, classificação e categorização das unidades e a terceira o tratamento dos resultados que dará dados significativos para o embasamento da pesquisa (BARDIN, 2011).

Aspectos Éticos

O presente estudo adotou todos os preceitos e condutas éticas e legais de acordo com o que é preconizado pelo Conselho Nacional de Saúde, e em consonância com a resolução N°466/2012, sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa pelo número de registro do parecer consubstanciado – CAAE: 33603520.5.0000.8023. Todos os participantes receberam via aplicativo de mensagens instantâneas, whatsapp, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido(TCLE) com os objetivos e informações inerentes a pesquisa, sendo solicitada a impressão em duas vias de igual teor. Quando autorizado o aceite do TCLE, o mesmo foi assinado e entregue no setor da gestão hospitalar. Ressaltamos que adotamos pseudônimos para a identificação dos participantes a partir de uma 81 simples pergunta aos mesmos: Qual sentimento define a sua atuação do enfermeiro/a na pediatria? A partir disso tivemos Enfermagem por Amor, Humor, Compaixão, Liberdade, Esperança, Gratidão, Sorriso e Alegria.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil dos participantes

Participaram da pesquisa oito profissionais de saúde, sendo a maioria do sexo feminino (n=8), com idade entre 31 a 40 anos, todos enfermeiros (n=8), com o tempo de profissão superior a dez anos (n=4), conforme Tabela 1.

Tabela 1. Perfil dos profissionais entrevistados, Imperatriz, MA, Brasil, 2021

Variáveis	N
Sexo	
Masculino	2
Feminino	6
Idade	
21 a 30 anos	2
31 a 40 anos	3
Acima de 40 anos	3
Formação inicial (enfermeiro (a))	8
Profissão (Enfermeiro (a))	8
Tempo de profissão	
1 a 5 anos	2
5 a 10 anos	2
Acima de 10 anos	4

Fonte: os autores, 2021.

Após a formação inicial, em enfermagem, todos possuem especialização, sendo que 4 fizeram em Urgência e Emergência, 2 em Obstetrícia e Neonatologia, 2 em Saúde Pública e 1 em Enfermagem em UTI. Ressalta-se que nenhum dos profissionais possui formação continuada em nível *Stricto Sensu* e nenhum em *Lato Sensu* ligado à recreação hospitalar, infâncias, jogos... Cabe o destaque que o curso de Neonatologia é focado nos processos de enfermagem no que tange ao cuidado do bebê de forma técnica/assistencial e não em um viés holístico. A partir da entrevista realizada com os oito profissionais, com perguntas voltadas para a temática de lazer e recreação hospitalar, foram extraídas as seguintes categorias: Recreação e lazer hospitalar: percepção dos profissionais; 82 Ferramentas para o desenvolvimento lúdico nos hospitais. Nos excertos, foram respeitadas as particularidades linguísticas dos entrevistados, bem como vícios de linguagem.

Categoria 1: Recreação e lazer hospitalar: percepção dos profissionais

A criança possui o direito irrefutável de desfrutar do lazer. Preconizado por meio do estatuto da criança e do Adolescente (ECA), e substanciado pelo artigo quatro, há uma reafirmação quanto a este direito, que se torna necessário a garantia e manutenção em todos os espaços (Brasil, 1990). Em seus estudos, Nascimento et al (2020) compreende o lazer como um fenômeno de grande relevância e significado para o ser humano, por estar embasado e firmado em estratégias de promoção a saúde promovendo uma melhoria considerável na qualidade de vida dos indivíduos envolvidos considerando o contexto sociocultural.

Portanto, nesta categoria, Recreação e lazer hospitalar: percepção dos profissionais, os enfermeiros foram indagados sobre o seu entendimento acerca

da recreação e do lazer dentro do contexto hospitalar, apresentando os seguintes resultados:

“a recreação ela está voltada pra é... a forma como é arranjada pra que as crianças que estão hospitalizadas, encararem de uma forma em que não se torne tão pesado, o fato de se está internado” (Enfermagem por Amor).

“Eu acho que é... a forma com que é passado pra criança né, envolvendo brinquedo terapêutico, é uma forma de lazer, é uma forma de trazer alegria pra criança, né, nesse momento que ele tá hospitalizado, é uma forma de aliviar o estresse” (Enfermagem por Humor).

“Recreação e lazer é um momento que a criança ela vai descontrair seja por meio de brincadeiras com brinquedos ou não porque tem formas lúdicas” (Enfermagem por Compaixão).

De acordo com as falas dos profissionais acima, os mesmos compreendem a recreação e o lazer como estratégias para melhorar o ambiente hospitalar e que esse tipo de tática pode ser acompanhado pelo uso do brinquedo terapêutico que também é visto como uma forma de envolver essa criança diretamente com o seu tratamento (TAVARES et al, 2023). Em seu estudo, Paladino, Carvalho e Almeida (2014) afirmam que atividades realizadas por profissionais de saúde buscando a promoção do bem estar físico e emocional das crianças trazem consigo a oportunidade de implementar atividades especializadas e direcionadas que envolvam as crianças uma vez que estão em situações totalmente fora do seu contexto familiar.

Em outro relato, é possível perceber que o profissional também compreende que esse espaço é uma forma de escape para a criança, fazendo-a esquecer daquele ambiente diferente, como evidenciado no seguinte relato:

“Eu acho que é um escape pra criança, que tá num ambiente hostil, que é muito diferente do que ela tem costume de vivenciar da sua casa, é um ambiente muito diferente e acaba que a recreação ela ajuda essa criança passar por esse processo” (Enfermagem por Liberdade).

Diante disso, Lima et al (2014) e Marques et al (2016) evidenciam por meio dos seus estudos que os espaços de recreação hospitalar são ferramentas na promoção do cuidado integral, bem como fortalecedor no processo de desenvolvimento dessa criança hospitalizada, contribuindo para o reestabelecimento físico e emocional tornando a hospitalização menos traumatizante.

Em outro relato, notou-se que o profissional associa a recreação e o lazer a um espaço que é destinado para a criança fazer atividades nas quais ela já estava acostumada a realizar quando não estava hospitalizada. Como evidenciado no trecho a seguir:

“Um local onde tem pras crianças ir assistir um filme, ter os brinquedos pra elas brincarem um momento de descontração para sair daquele ambiente ali

daquela enfermaria que ali tá estressado e tudo aí ela vai ali um pouquinho, brinca, assisti um desenho aí dá aquela relaxada pra poder voltar pra enfermaria, pra tomar o remedinho de novo e ficar mais calma” (Enfermagem por Esperança).

Em sua pesquisa, Santos et al. (2018) afirmam que as crianças não compreendem as determinadas causas para sua internação e para mudança de ambiente o que lhe causam uma situação desagradável principalmente pelos procedimentos invasivos e dolorosos. De acordo com os estudos de Falke, Milbrath e Freitag (2018), as crianças que estão hospitalizadas podem apresentar manifestações tais como regressões, redução no ritmo de crescimento e 84 desenvolvimento, dependência, bem como alterações no padrão de sono, apatia, estado depressivo, fobias, inapetência e fobias.

Outro questionamento feito aos profissionais foi sobre a importância de se ter um espaço voltado para recreação e lazer no hospital, sendo mostrados nos seguintes excertos:

“É de suma importância o espaço de recreação, pois ele vai de certa forma fazer o que, fazer com que o ambiente se torne mais satisfatório pra criança ter uma recuperação adequada que vai trazer os benefícios nesse processo de diminuição de internação do paciente, que é justamente regredindo, porque no processo de recreação ele tem mais chance de recuperar o seu quadro de uma forma que não vai ser tão ruim, um ambiente hostil pra ele, fica um ambiente mais agradável e ele tem uma recuperação mais precoce” (Enfermagem por Amor).

“É de grande importância, assim, é... tem sido trazido hoje pra clínica, é... é uma forma de trazer criatividade, é uma forma de trazer diversão pra criança né que já passa por esse período de estresse durante a hospitalização, é uma forma assim de amenizar os traumas né, durante todo o tratamento que ela vem passando, assim, são inúmeros os benefícios né que podem ser trazidos pra criança” (Enfermagem por Humor).

Tendo em mente que o ambiente hospitalar é hostil, no qual faltam, muitas vezes, alegrias e sorrisos, e que o processo de internação é visto como uma experiência desagradável que vem acompanhada de angústia, sofrimento, medo, dor e sensação de abandono, se faz cada vez mais necessário, uma maior atenção aos internados (PEREIRA; SILVA; BELÉM, 2018). Paralelo a isso, Santos et al., (2019) ressaltam, também, que a criança, quando passa pelo processo de hospitalização sofre com o desconforto físico devido à manipulação da enfermidade, separação, dor e alterações psicológicas.

Durante essa fase, a criança e a família passam pelo processo de vulnerabilidade emocional, social e física (MELO, ABREU, ABRÃO, 2023). A hospitalização precoce é um processo que pode ocasionar impacto na vida da criança e de seus familiares, tendo em vista que a experiência da hospitalização na infância pode configurar-se em um momento traumático, levando ao desenvolvimento de sentimentos diversos, como ansiedade, medo diante de uma situação desconhecida ou ameaçadora, angústia, alterações no desenvolvimento

e, assim, comprometer o processo de interação com as pessoas e o meio em geral (LIMA; QUIXABEIRA; ABRÃO, 2020).

Diante disso, o processo de recreação e lazer se constitui com uma importante ferramenta aliada com profissionais de saúde para uma melhor estadia 85 dessas crianças no hospital. Nesse Contexto, Gouvêa (1997) afirma que a recreação é tudo que pode divertir e prender a atenção do ser humano, especialmente crianças, ao passo que é, também, um processo que envolve a participação de diversas pessoas. Outro fator importante que o autor ressalta, é que a atividade recreativa ajuda a estimular o desenvolvimento da personalidade da criança, bem como também possui influência sobre a saúde física e mental do ser humano.

Quando se fala de recreação hospitalar, atrelando-se ao pensamento de Gouvêa (1997), Winther (1998) vem afirmando que a recreação hospitalar tem por objetivo proporcionar aos pacientes hospitalizados condições de desenvolvimento como um todo, visando aumentar sua autoestima, promovendo recuperação física e emocional de forma mais rápida, mais divertida e saudável, assim como proporciona ao corpo um momento de relaxamento e descontração, melhorando o estado físico daquele paciente. Sendo assim, a sala de recreação é vista como um ambiente que possibilita às crianças brincar, jogar bola, videogame, assistir TV, pintar, desenhar, conversar e várias outras atividades que fazem com que esta se distraia e se divirta (DIAS, et al., 2013; MOTTA; ENUMO, 2010; ROSSIT; FÁVERE, 2011).

A viabilização de um espaço formal como este no hospital pode ser um meio de instituir o brincar no hospital, facilitando a incorporação dessa prática ao dia a dia da organização (ABREU, ABRÃO, 2022). Quando não há brinquedos ou atividades recreativas as crianças começam a reclamar, pois não tem nada para se distrair. Soma-se a isso a dificuldade dos pequenos poderem trazer de casa seus próprios brinquedos, pois nem todos podem ser utilizados no centro de terapia (DEPIANTI, et al.; HOSTERT; ENUMO; LOSS, 2014).

Outro fator importante a se ressaltar é que com a ludoterapia dentro do espaço de recreação, o brincar durante o processo de hospitalização têm o poder de reduzir esses sentimentos negativos gerados pelo tratamento. Santos et al. (2017) afirmam que a ludoterapia é constituído como um conjunto de práticas e técnicas que utilizam o brinquedo para diminuir os indícios de ansiedade, estresse e motivar o desenvolvimento da criança.

Observa-se a diminuição do estresse, da agressividade e da tensão durante as brincadeiras, tornando a hospitalização menos traumática e ainda tem o poder 86 de preparar a criança para alguns procedimentos dolorosos e invasivos. Portanto, para reduzir estes sentimentos, o brincar e a interação com a equipe se tornam necessários, pois proporcionam um sentimento de segurança por parte da criança, ao saber que ela não está sozinha em um momento tão doloroso de sua vida (CAMPOS; RODRIGUES; PINTO, 2010; CASTRO et al., 2010; DIAS et al., 2013; MOTTA; ENUMO, 2010).

Categoria 2: Ferramentas para o desenvolvimento lúdico nos hospitais

Nesta categoria foram questionados aos participantes sobre a utilização de ferramentas no hospital para o desenvolvimento de atividades lúdicas, sendo a mesma dividida em três subcategorias: A brinquedoteca: um espaço de lazer e

diversão; Uso do brinquedo terapêutico; A palhaçaria hospitalar como instrumento de humanização.

Subcategoria 1: A brinquedoteca: um espaço de lazer e diversão

Sendo assim, compreende-se que a Brinquedoteca é um espaço criado para estimular a criança a brincar e colaborar para que ela desenvolva a criatividade, possibilitando-a estar em contato com vários tipos de brinquedos fazendo com que exerça a socialização e afetividade uma vez que dentro da brinquedoteca estará em contato com outras crianças (SANTOS; CRAHIM, 2019, ABRÃO et al, 2024). Neste sentido, evidencia-se que o propósito das brinquedotecas nos ambientes hospitalares é diminuir os prejuízos e o estresse da hospitalização, tornando esses ambientes menos traumatizantes e mais alegres, favorecendo assim, melhores condições para recuperação da criança (OLIVEIRA; MATOS, 2019).

Alguns participantes relataram sobre a importância da brinquedoteca como mostrado nas falas seguintes:

“É, aqui tem a brinquedoteca, a gente tem o pessoal, a companhia do riso, tem pessoal das universidades que vem fazer os trabalhos, então aqui sempre aparece alguém pra fazer esse tipo de trabalho aqui dentro” (Enfermagem por Gratidão).

“Sim porque no hospital nós temos uma brinquedoteca então nós temos todas essas ferramentas para que possa desenvolver esse espaço lúdico” (Enfermagem por Alegria).

Sobre a brinquedoteca, segundo Costa et al., (2014), esse tipo de espaço surgiu nos Estados Unidos da América, especificamente na cidade de Los Angeles, em 1934, com a finalidade de emprestar brinquedos às crianças. Algumas décadas depois, houve a expansão das brinquedotecas em vários países europeus com o mesmo intuito das estadunidenses. Além disso, em algumas nações europeias, como França, Suíça, Bélgica e Itália, além do empréstimo de brinquedos, também se recebia a visita das crianças. Outros profissionais também afirmaram que o hospital dispõe de uma brinquedoteca, porém devido ao atual cenário, a pandemia da Covid-19, o local não está funcionando.

“Aqui no hospital, a gente tem a brinquedoteca né, que antes tava funcionando, hoje não funciona mais por conta da pandemia, só que todos os dias ela sempre funcionava, pela manhã, a tarde, só durante a noite que não tinha profissional pra ficar lá, não funciona a noite, só durante o dia, mas antigamente tinha” (Enfermagem por Humor).

“A gente tem a brinquedoteca, tem o espaço que agora tá desativado, mais que ta sendo até buscado meios para poder a gente tentar voltar com espaço dentro do que, dentro das possibilidades diante da pandemia que a gente tem vivido” (Enfermagem por Liberdade).

“No momento que nós estamos vivendo essa pandemia tá assim meio complicado, mas se não fosse isso que tá acontecendo, nós tínhamos uma brinquedoteca onde as crianças iam, tinha um espaço” (Enfermagem por Esperança).

Santos et al., (2020) afirmam que a brinquedoteca pode ser, para a criança, um local mágico, pois ela pode brincar e ser quem ela quiser e tem o poder de fazer a criança esquecer, por alguns momentos, que se encontra hospitalizada devido ao uso da ludicidade. A brinquedoteca hospitalar tem o objetivo de auxiliar a criança internada e seus familiares a passarem por esse momento de uma forma mais “tranquila” uma vez que nesse espaço eles poderão deixar por alguns momentos as tensões, medos, ansiedades que a hospitalização traz. Auxilia também na relação com os profissionais da saúde para que os procedimentos se tornem menos dolorosos e invasivos (SANTOS; CRAHIM, 2019).

Subcategoria 2: Uso do brinquedo terapêutico

O brinquedo terapêutico, é uma brincadeira com a utilização de equipamentos geralmente utilizados no procedimento em que a criança será sujeita, pode ser em um local que o hospital disponibilizou (brinquedoteca) ou na acomodação onde a criança se encontra, de forma que propicie uma interação com a criança hospitalizada (SANTOS et al., 2020b).

Uma pesquisa realizada com crianças durante o período transoperatório, em que o brinquedo foi utilizado para representar todo o procedimento cirúrgico que aquela criança iria realizar demonstrando cada etapa realizada durante a cirurgia, revelou que as crianças que tiveram contado com os brinquedos e participaram das sessões antes dos procedimentos cirúrgicos apresentaram tranquilidade e espontaneidade ao adentrar a sala de cirurgia (ABRÃO, DA SILVA QUIXABEIRA, SILVA, 2024). Logo, as mesmas tornaram-se bastante colaborativas durante o procedimento anestésico, reafirmando que o ato de brincar tem proporcionado inúmeros benefícios às crianças durante o período de transoperatório (SANTOS et al., 2020).

Outros profissionais também afirmaram sobre a utilização de brinquedo terapêutico, como a televisão e o uso de livros, conforme evidenciado nas seguintes falas:

“Sim, aqui nós temos os brinquedos, televisão smart, temos alguns livros de histórias, que na verdade são até doados os livros que a gente tem aqui, são todos doados, mas são poucos, mas temos ainda brinquedos que também são doados que dá pra eles fazerem a utilização, brinquedos educativos no qual eles vão trabalhar o processo de cognição” (Enfermagem por Amor).

Pode-se classificar o brinquedo terapêutico (BT) em três tipos: Brinquedo Terapêutico Dramático (BTD), que possibilita que a criança desempenhe papéis sociais, tornando-se ativa, promovendo a expressão de

sentimentos e melhorando compreensão da sua realidade; Brinquedo Terapêutico Capacitador de Funções Fisiológicas, que ajuda a criança a lidar com suas capacidades fisiológicas de acordo com a condição em que se encontra; e Brinquedo Terapêutico Instrucional (BTI) que disponibiliza materiais para o manuseio a fim de que a criança compreenda procedimentos pelos quais irá passar (CANÊZ et al., 2019).

O brinquedo terapêutico surge, então, como instrumento com o poder de transformar a hospitalização infantil em um evento menos doloroso, já que auxilia a criança aliviar o estresse; expor suas emoções; identificar seus sentimentos; compreender novas situações e a entender os falsos conceitos de ambiente hospitalar (PESSOA et al., 2018).

Subcategoria 3: A palhaçaria hospitalar como instrumento de humanização.

Sobre a atuação de palhaços em hospitais, de acordo com Spitzer (2002), os palhaços têm trabalhado em hospitais desde o tempo de Hipócrates. Contudo, somente em 1908, encontra-se registro desse modo de atuação em uma edição do *Le Petit Journal*. Outro marco histórico que merece destaque é a trajetória bastante conhecida do Dr. Patch Adams que, há mais de três décadas, passou a adotar a arte do palhaço nos contatos com seus pacientes. Há registros que apontam por volta de 1991, a abordagem de pacientes por meio de palhaços vinculados a Organização Não Governamental (ONG), Doutores da Alegria.

Sendo assim, Mortamet et al (2017) define a palhaçaria hospitalar como um programa na área da saúde que envolvem visitas de profissionais atores. Eles são chamados coloquialmente de "médicos palhaços" que é a marca registrada em vários países. Os palhaços utilizam várias técnicas que vão variar de acordo com a idade e condição clínica da criança, uma vez que brincar pode ajudá-los a lidar com a gama de emoções que são experimentadas no ambiente hospitalar, como medo, ansiedade, solidão e tédio.

Também foi relatado que alguns grupos também realizam atividades lúdicas no hospital, evidenciado nas seguintes falas:

“E tinha também o pessoal que vinha das universidades né, traziam... faziam brincadeiras, se vestiam de palhaço, traziam violão, faziam é... momentos de dança, musicoterapia, brincadeira de roda, assim, era muito divertido, porque eles viam e saiam em cada leito levando alegria, levando descontração pra essas crianças, né, eles passavam de enfermaria em enfermaria, tocando violão brincado de roda, aí isso” (Enfermagem por Humor).

Em estudo realizado uma intervenção baseada na visita de palhaços, a fim de incentivarem a adesão da medicação por via oral e reduzir a ansiedade das crianças causadas pela separação dos pais durante a anestesia, os participantes foram divididos em dois grupos, o controle e o intervenção. Além disso, a maioria dos pais e os enfermeiros avaliaram a intervenção como eficaz para reduzir a ansiedade das crianças (DIONIGI; GREMIGNI, 2016). Sendo

assim, percebe-se que a estratégia de palhaçaria hospitalar também é algo muito válido, uma vez que envolve uma equipe multidisciplinar, demonstrando e disseminando a importância da humanização da assistência (MARTINS et al, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos relatos dos participantes, fica explícito o quanto se faz necessário um ambiente que proporcione recreação para uma criança hospitalizada, uma vez que ficou evidente a importância do quanto o lúdico e o ato de brincar são determinantes para a recuperação do paciente pediátrico em relação ao seu estado físico, mental e emocional. Porém, observa-se quanto a percepção por parte dos enfermeiros/enfermeiras quanto aos espaços de recreação hospitalar a falta de políticas, estratégias e ações que busquem o fortalecimento desses espaços e o aperfeiçoamento dessa equipe fazendo-se valer de cursos e treinamentos voltados as ações terapêuticas por meio desses espaços.

Logo, nesta pesquisa evidenciamos que por meio de estratégias que busquem a ludicidade e a interação dessa criança dentro do contexto hospitalar há uma melhora do quadro clínico do sujeito internado. Sendo assim, enfatizamos neste estudo que é de suma importância manter o ato de brincar de uma criança, para que ela possa interagir com a outra para que o ambiente hospitalar, bem como o processo de hospitalização se tornará menos traumático.

Portanto, concluímos que os profissionais também são de grande valia durante todo esse processo, uma vez que se faz necessário sensibilizá-los, os fazendo olhar para o paciente de uma forma holística. Contudo, fica evidente que o momento de atividades de recreação é o mais esperado pelos pacientes, uma vez que promove um momento de lazer e diversão, as fazendo esquecer de sua enfermidade e melhorando sua qualidade de vida.

Agradecimentos

Edital Universal PROPESQ/UFT.

Referências Bibliográficas

ABRAO, Ruhena Kelber et al. Lazer na vida dos enfermeiros: Impactos no equilíbrio entre trabalho e bem-estar. Caderno Pedagógico, v. 21, n. 12, p. e11292-e11292, 2024.

ABRÃO, Ruhena Kelber; DA SILVA QUIXABEIRA, Alderise Pereira; SILVA, Ana Paula Machado. LAZER HOSPITALAR: A RELEVÂNCIA NA RECUPERAÇÃO DA CRIANÇA DA/NA AMAZÔNIA TOCANTINENSE. Revista Didática Sistêmica, v. 26, n. 1, p. 99-114, 2024.

ABREU, Vitor Pachelles Lima; ABRÃO, Ruhena Kelber. Tecendo laços na construção de material formativo voltado aos espaços de recreação e lazer hospitalar. *Humanidades & Inovação*, v. 9, n. 2, p. 341-351, 2022.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF, Seção 1, ano 128, n. 135, p. 13563-13577, 16 jul. 1990. ISSN 1677-7042. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=16/07/1990>. Acesso em: 16 Agosto 2020.

BRITO, L. S.; PERINOTTO, A. R. C. O brincar como promoção à saúde: a importância da brinquedoteca hospitalar no processo de recuperação de crianças hospitalizadas. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, v. XI, n.2, p. 291 - 315, dez. 2014.

CAMPOS, M. C.; RODRIGUES, K. C. S.; PINTO, M. C. M. A avaliação do comportamento do pré-escolar recém admitido na unidade de pediatria e o uso do brinquedo terapêutico. *Einstein*, v. 8, n. 1, p. 10-7, 2010.

CANÊZ, J. B. et al. O brinquedo terapêutico no cuidado à criança hospitalizada. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, v. 88, n. 26, 2019.

CASTRO, D. P.; ANDRADE, C. U. B.; LUIZ, E.; MENDES, M.; BARBOSA, D.; SANTOS, Luiz H. G. Brincar como instrumento terapêutico. *Pediatria: São Paulo*, v. 32, n. 4, p. 246-54, 2010.

COSTA S.A.F., RIBEIRO C.A., BORBA R.I.H., SANNA, M.C. Brinquedoteca Hospitalar no Brasil: reconstruindo a história de sua criação e implantação (AU). *Hist. enferm. Rev. Eletrônica*. 5(2): 206- 223. 2014.

DA SILVA, Jordana Minozo et al. A CONSTRUÇÃO DO LÚDICO E DO BRINCAR EM UMA UNIDADE PEDIÁTRICA: PROCESSOS PEDAGÓGICOS EM ESPAÇOS INFORMAIS. *Humanidades & Inovação*, v. 10, n. 9, p. 289-309, 2023.

DEPIANTI, J. R. B.; SILVA, L. F.; MONTEIRO, A. C. M.; SOARES, R. S. Dificuldades da enfermagem na utilização do lúdico no cuidado à crianças com câncer hospitalizada. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental*, v. 6, n. 3, p. 1117-1127, 2013.

DIAS, J. de J.; SILVA, A. P. da C.; FREIRE, R. L. da S.; ANDRADE, A. da S. A. A Experiência de Crianças com Câncer no Processo de Hospitalização e no Brincar. *Revista Mineira de Enfermagem*, v. 17, n. 3, p. 608-613, jul/set., 2013.

DIONIGI, A. Clowning as a complementary approach for reducing iatrogenic effects in pediatrics. *AMA journal of ethics*, v. 19, n. 8, p. 775-782, 2017.

DO NASCIMENTO DOURADO, Carollyna Alves et al. A criança no ambiente hospitalar e o processo de humanização. *Concilium*, v. 22, n. 4, p. 359-377, 2022.

FONSECA, A.S, CALEGARI, R.C. Assistência humanizada na unidade pediátrica. In: Fonseca AS (org.). *Enfermagem Pediátrica*. São Paulo (SP): Martinari; p. 129- 48. 2013. 92 GOUVÊA, R. *Recreação*. 4. ed. Rio de Janeiro: Agir. 1997.

HOSTERT, P. C. da C. P.; ENUMO, S. R. F.; LOSS, A. B. M. Brincar e problemas de comportamento de crianças com câncer de classes hospitalares. *Revista Psicologia: teoria e prática*: São Paulo, v.16, n.1, p. 127-140, jan-abr., 2014.

JANSEN, M. F.; SANTOS, R. M. dos; FAVERO, L. Benefícios da utilização do brinquedo durante o cuidado de enfermagem prestado a criança hospitalizada. *Rev. Gaúcha Enferm.* (Online), Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 247-253, jun. 2010.

LIMA, K. Y. N. de et al. Atividade Lúdica como ferramenta para o cuidado de enfermagem às crianças hospitalizadas. REME. Revista Mineira de Enfermagem, v. 18, n. 3, p. 741-746, jul./set. 2014.

LIMA, A. O. ; QUIXABEIRA, A. P.; ABRÃO. K. . A brinquedoteca do hospital de referência de Miracema do Tocantins: uma análise da lei federal N 11.104 de 2005. Multidebates, v. 4, p. 142-156, 2020.

MELO, Fernanda Rodrigues; ABREU, Vitor Pachelle Lima; ABRAO, Kelber Ruhena. PEDAGOGIA HOSPITALAR E LUDICIDADE COMO CAMPO DE ATUAÇÃO DA/O PEDAGOGA/O. Humanidades & Inovação, v. 10, n. 17, p. 224-240, 2023.

MARTINS, Á. K. L. et al. Effects of clown therapy in the child's hospitalization process. Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online, v. 8, n. 1, p. 3968-6978, 2016.

MINAYO, M. C. S. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 21 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

MOTTA, A. B.; ENUMO, S. R. F. Intervenção psicológica lúdica para o enfrentamento da hospitalização em crianças com câncer. Psicologia: teoria e pesquisa: Brasília, v.26, n.3, p. 445-454, Jul.-Set., 2010.

MORAIS, ANDREIA CRISTINA CAMPOS DE; LIMA, Cláudia Araújo de. BRINQUEDOTECA: A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA A CRIANÇA HOSPITALIZADA. Revista GeoPantanal , Corumbá/MS, ed. Especial, p. 131-145, 2016.

MORTAMET, G. et al. Parental perceptions of clown care in paediatric intensive care units. Journal of paediatrics and child health, v. 53, n. 5, p. 485-487, 2017.

NASCIMENTO, D. E. et al. Formação, Lazer e Currículo: Os Cursos de Educação Física do Tocantins. LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 342-361, 2020.

OLIVEIRA, J. De J. A. B. De et al. BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: importância para o brincar da criança hospitalizada com câncer. Revista Bibliomar; v. 18, n. 2, jul./dez. 2019; 35-49, v. 24, n. 2, p. 49-35, 2018.

PALADINO, C. M.; CARVALHO, R.; ALMEIDA, F. de A. Brinquedo terapêutico no preparo para a cirurgia: comportamentos de pré- escolares no período transoperatório. Rev. esc. enferm. USP, São Paulo, v. 48, n. 3, p. 423-429, jun. 2014.

PAULA, E.M.A.T., FOLTRAN E.P. Projeto brilhar: brinquedoteca, literatura e arte no ambiente hospitalar. In: Anais do VII Encontro de Pesquisa UEPG e V CONEX; 2007; Ponta Grossa. Anais. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa; 2007.

PEREIRA, D. C.; SILVA, D. de S.; BELÉM, I. C. O profissional de educação física na recreação hospitalar: reflexões sobre a importância de sua atuação neste ambiente. EDUCERE - Revista da Educação, Umuarama v. 18, n. 1, p. 33-53, jan./jun. 2018.

PESSOA, A. V. C. et al. Brinquedo terapêutico: preparo de crianças em idade pré-escolar para punção venosa. Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança, v. 16, n. 1, p. 64-72, 2018.

PINTO J.P., FERNANDES, M.G. Crescimento e desenvolvimento infantil. In: Fonseca AS (org.). Enfermagem Pediátrica. São Paulo (SP): Martinari; 2013. p. 01-28.

ROSSIT, R. A.P.S.; FÁVERE, D. C. de. Influência de atividades pedagógicas sobre o comportamento de crianças hospitalizadas e seus acompanhantes. Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, v.13, n.3, p. 52-67, 2011.

SANTOS, G. M. et al. A influência do brinquedo terapêutico no cuidado à criança em ambiente hospitalar. Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde, 2020.

SANTOS, P. G. et al. Contribuição da brinquedoteca no tratamento de crianças hospitalizadas: revisão integrativa. Práticas e Cuidado: Revista de Saúde Coletiva, v. 1, p. e9750-e9750, 2020.

SANTOS, M. S. M.; CRAHIM, S. C. de S. F. A Importância da Brinquedoteca no Ambiente Hospitalar. Revista Mosaico, v. 10, n. 2, Sup, p. 11-15, 2019.

SCHWARTZ, Suzana et al. Estratégias para o trabalho com textos na universidade. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, p. e790986209-e790986209, 2020.

SILVA, A. P. M. Trajetórias e percursos da implementação de um projeto de recreação hospitalar pelos acadêmicos de enfermagem. 2021. 148f. Dissertação (Mestrado em Ensino em Ciência e Saúde) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciência e Saúde, Palmas, 2021.

SILVA, Ana Paula Machado; ABRÃO, Ruhena Kelber. Enfermeiros da alegria: vivências a partir da estruturação de um projeto extensão para desenvolver atividades de recreação hospitalar. Humanidades & Inovação, v. 8, n. 67, p. 338-351, 2021.

SILVÉRIO, C. A.; RUBIO, J. de A. S. Brinquedoteca Hospitalar: O Papel do Pedagogo no Desenvolvimento Clínico e Pedagógico de Crianças Hospitalizadas. Revista Eletrônica Saberes da Educação, [s. l.], v. 3, ed. 1, 2012.

SPITZER, P. Clown doctors! Churchill Fellow, 2002. Disponível em: . Acesso em: 16 de Agosto de 2024.

TAVARES, Marcela Costa Freitas et al. A IMPORTÂNCIA DA ASSISTÊNCIA HUMANIZADA PARA PACIENTES ONCOLÓGICOS EM CUIDADOS PALIATIVOS. Revista CPAQV–Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida| Vol, v. 15, n. 1, p. 2, 2023.

WINTHER, E. M. Recreação Hospitalar. Sprint Magazine. Rio de Janeiro, n. 95, p. 39-45, mar/abr, 1998.1.